

Informação e Sociedade

EMIR SUAIDEN *

RESUMO

Partindo do princípio que o livre acesso à informação só existe nas sociedades democráticas e abertas, caracterizadas pela concorrência, competitividade e pela componente tecnológica, o autor começa por analisar os três factores que, nestas condições, limitam esse livre acesso, assim como a difusão da informação: o trabalho, o consumo e o lazer.

Diversas condicionantes sociais, políticas e tecnológicas do fenómeno da informação, como a concorrência por parte dos mass media, a utilização dos meios de informação como mecanismos de repressão, a explosão bibliográfica, a revolução informática, a influência da informação na formação da opinião pública e os obstáculos que se deparam aos países do Terceiro Mundo em relação ao acesso à informação, são de seguida brevemente analisados pelo autor.

Por fim, é feita uma referência à actual situação no Brasil e à necessidade de se definir e implementar uma correcta política de informação.

ABSTRACT

Believing that the principle of free access to information only exists in democratic and open societies, through competition and technological development, the author examines too, what can limit free access and information diffusion: work, consumption and leisure

The author also analyses briefly different social, political and technological information conditions, as media, competition, information restriction, bibliographical expansion, automation, public opinion and Third World access to information.

At last, a reference is given about the actual situation in Brazil and about what is necessary to define and develop a correct information policy.

* Presidente da Associação de Bibliotecários de Brasília.

O governador de Virgínia, Sir William Berkeley, em 1671 afirmava: «Mas dou graças a Deus por não termos nem escolas livres nem imprensa, e espero que não as tenhamos por trezentos anos ainda. Porque aprender trouxe ao mundo a desobediência, a heresia e seitas, e a imprensa as divulga, bem como libelos contra o governo». Lima Barreto, escritor social oriundo da pequena classe média suburbana do Rio de Janeiro, retratou em suas obras cenas quotidianas da República Velha. Em meio a um diálogo sobre a «loucura» de Policarpo Quaresma, há essa notável passagem:

«— Nem se podia esperar outra coisa, disse o Dr. Florêncio. Aqueles livros, aquela mania de leitura ...

— Pra que ele lia tanto? indagou Caldas. (...) Ele não era formado, para que meter-se com livros? (...) Isto de livros é bom para os sábios, para os doutores (...).

— Devia até ser proibido (...) a quem não possuísse um título acadêmico ter livros. Evita-se assim essas desgraças.»

Essas duas situações, captadas em épocas e regiões diferentes, retratam muito bem as dificuldades e os problemas que adviriam caso fossem implantados naquela época e naquelas regiões programas de estímulo à leitura e de maior acesso à informação.

O livre acesso à informação pressupõe no mínimo uma sociedade livre e soberana, apoiada por um governo democrático. A biblioteca só se desenvolve em regimes abertos. A censura, o arbítrio e a falta de liberdade de imprensa são os maiores problemas que o bibliotecário enfrenta para disseminar a informação. E o grande exemplo que temos é que os serviços bibliotecários e editoriais mais desenvolvidos do mundo estão situados nos países onde impera a livre iniciativa.

No entanto, o próprio desenvolvimento cria as suas mazelas: essas sociedades de livre concorrência ou competitivas, ou, ainda, tecnológicas, que geram o império dos *mass media* e, conseqüentemente, uma nova cultura, a cultura de massa, onde o importante passa a ser o trabalho, o consumo e o lazer.

No trabalho, o homem inconscientemente se esconde de uma realidade que o agride e que não tem nada a ver com ele. O homem passa a viver não do trabalho mas para o trabalho. Esse comportamento gera possivelmente um fenômeno denominado em inglês *brop-out*, que consiste basicamente num mecanismo de fuga da sociedade, que ele não ajudou a criar e não é aquela com que ele sonhou.

Ao consumo o homem se entrega para, também inconscientemente, fugir de seus problemas. Ele passa a ser manipulado por estratégias de *marketing* que conduzem-no à «felicidade total» através da compra de novos artigos que, no momento mesmo em que é de sua posse, já se torna supérfluo. É o chamado processo de obsolescência programada. Um exemplo disso é a geladeira, que antes era passada de avô para neto, e que hoje, no momento em que dela tomamos posse, torna-se já obsoleta — em virtude de novas cores, novos formatos, linha vertical, linha

horizontal, geladeira com *freezer*, geladeira que não precisa ter a porta aberta para retirar água, geladeira de «frio seco», etc., etc.

No que se refere ao lazer, a situação também é angustiante. O homem cada vez tem mais tempo para o lazer, mas é um lazer insosso: o que fazer do meu tempo disponível? O resultado é conhecido: pesquisas efetuadas na França e na Alemanha revelam que, graças à indústria do lazer, lê-se menos durante as férias do que no resto do ano. E o fenómeno do «declínio da atenção» está cada vez mais evidente. O homem está cada vez mais exposto ao vídeo sob todas as suas formas (televisão, *video-cassete*, *video-game*, etc.).

Com tantas opções, aliadas a variadas formas mercadológicas (publicidade, promoção de vendas, *merchandising*, *marketing*), aplicadas ao consumismo em grande escala e não aplicadas à formação do hábito de leitura, em meio a tantas e tão variadas opções o livro — que é um produto nobre, e que tem a triste mania de levar o homem à reflexão — perde terreno, perde espaço.

A concorrência que a informação bibliográfica enfrenta dos *mass media* é muito grande. O mundo está praticamente dominado pelos meios de comunicação de massa (sufocadores da capacidade de reflexão, sufocadores da capacidade de abstracção, alienadores e atrofiadores da mente humana), e que a cada dia conquista mais e mais adeptos.

Historicamente, as nações mais desenvolvidas têm dominado as subdesenvolvidas utilizando mecanismos de repressão aos meios de informação. Por exemplo, uma das causas do alto índice de analfabetismo no Brasil se deve aos mais de três séculos de dominação portuguesa, que teceu um quadro negro na liberdade de informação no Brasil até 1806, quando a primeira tipografia desembarcou em terras brasileiras.

Nos países em desenvolvimento onde é grande a taxa de mortalidade infantil e onde também é muito elevado o número de analfabetos, além do alto percentual de desempregados ou subempregados, e consequentemente é irrelevante o percentual de usuários da informação, a televisão e o rádio dominam as audiências, pois não exigem grande esforço, porque basta aos consumidores ouvir, entender (se entenderem) e ver. Proporcionam, além do calor da voz humana, a intensidade da fotografia em cores e o dinamismo da acção imediata. Não há pausa para reflexão ou contestação. Ao passo que a informação bibliográfica não estabelece comunicação com analfabetos.

Países desenvolvidos são os que detêm a informação e a disseminam de acordo com os seus interesses de segurança, económicos e políticos. Para se ter uma ideia da concentração da informação, notemos que dentre 131 países há bibliotecas nacionais em 116 deles, e existe nessas bibliotecas nacionais 160 milhões de volumes. Mais de 1/4 dessa cifra corresponde às bibliotecas nacionais da União Soviética e dos Estados Unidos (26 e 19,6 milhões, respectivamente) e os restantes 50 milhões do referido total a dez países europeus.

Outro aspecto interessante para se observar é que a própria explosão bibliográfica — devido à falta de planeamento dos órgãos dissemi-

nadores da informação — trouxe alguns problemas no que diz respeito ao espaço físico, pois actualmente é publicado no mundo um livro a cada trinta segundos, e segundo as previsões a Universidade de Yale contará no ano 2000 com 200 milhões de volumes, que ocuparão mais de 100 quilómetros de estantes. A cada ano 12 milhões de volumes chegarão à biblioteca, e 6000 funcionários serão necessários para registá-los e ordená-los.

Se o espaço físico é motivo de preocupação, especialistas dos países desenvolvidos se mostram também preocupados com relação ao excesso da informação. Há limites quanto à capacidade de assimilar as informações recebidas, e tais excessos levariam o homem a ter problemas ligados à esquizofrenia.

No Terceiro Mundo é de extrema importância o conceito de ideologia, tendo em vista que na luta pelo poder (ou da disputa ideológica) os contendores utilizam a informação para atingir seus objectivos, pois a informação é o instrumento empregado pela ideologia dominante. Um exemplo que vem a calhar é o da informação no processo ensino/aprendizagem, no sistema tradicional (que é amplamente utilizado), combatido por Paulo Freire, e que tem a ver com a teoria da dependência, ou seja: o livro informa ao professor e este ao aluno. As informações contidas no livro muitas vezes estão distantes da realidade, e passam a ser um dos principais instrumentos de colonização cultural.

Uma outra forma inadequada de informação na sociedade pode gerar a deflagração de convulsões sociais, e um exemplo recente é a forma como foram divulgados os índices de correcção da casa própria e o plano de reforma agrária. Se o Governo tivesse uma experiente assessoria de técnicos em comunicação, ele não sairia desses dois episódios com a sua imagem arranhada, num momento em que a expectativa pelo seu desempenho era das melhores possíveis.

A informação como instrumento de tomada de decisões é cada vez mais utilizada nos países em desenvolvimento. A informação adequada na sociedade leva à chamada formação da opinião pública. Se é que a opinião pública existe, cabe reconhecer que a sua formação ainda está em curso e que, por conseguinte, é frágil, heterogénea, fácil de enganar, e ainda insuficiente para poder ser considerada como um autêntico poder. Trata-se, entretanto, de assunto que merece ser levado em consideração. Ela se forma a propósito de problemas comuns. Muitas decisões governamentais são tomadas levando-se em conta a opinião pública. Ela deseja a manutenção da paz e estima que a primeira tarefa dos governos consiste em evitar os horrores de uma guerra nuclear. Ela é hostil à tortura e aos tratos desumanos. É também hostil aos privilégios e à dominação baseados em critérios de raça e cor, e deseja a adoção de medidas mais enérgicas para sanar o estado de miséria, fome e subdesenvolvimento. É através da pressão exercida pela opinião pública que os governos tomam conhecimento e às vezes providências para garantir a segurança das mulheres nas ruas de Vitória ou para punir os crimes cometidos pelas próprias autoridades brasileiras.

E quando se fala em informação para a sociedade é preciso considerar que a informática veio facilitar extraordinariamente essa actividade. Embora esteja concentrado, sobretudo em alguns dos países industrializados, o emprego da informática abre uma nova era na informação. Os progressos da informática aumentam enormemente a informação disponível para os que têm acesso às tecnologias actuais. Os computadores e bancos de dados permitem colectar, armazenar e transmitir milhares de elementos de informação. A invenção das «pulgas» de silício reduziram o espaço necessário a proporções minúsculas. Os códigos binários de transmissão criaram uma nova linguagem, que praticamente elimina as demoras. Essas descobertas multiplicaram, numa proporção antes inimaginável, os recursos disponíveis para a informação.

Com o rápido desenvolvimento da informática, com as mudanças sociais e tecnológicas, está sendo colocada em xeque, em muitos pontos, a função tradicional da biblioteca, que é a fonte mais importante de informação reunida, e ela vê-se obrigada a promover transformações na sua organização e nos serviços que presta. Isso se torna cada vez mais verdadeiro à medida em que se vão difundindo as novas técnicas electrónicas, que recorrem aos computadores. Os procedimentos e métodos arcaicos de algumas bibliotecas as impedem de conciliar os recursos electrónicos e de computadores para se transformarem no grande pólo de disseminação da informação. A maioria dos países em desenvolvimento não tem ainda uma infra-estrutura apropriada para o fornecimento e o armazenamento de dados indispensáveis. Por essa razão frequentemente só dispõem de uma informação suficiente os que vão tomar as decisões políticas e económicas. Também por esse motivo, nas negociações entre os países em desenvolvimento com os desenvolvidos, ou entre os compradores e as empresas que abastecem os mercados mundiais, os países em desenvolvimento tropeçam com o inconveniente da falta de dados ou pelo menos com a demora necessária para obtê-los. Este é um dos sectores em que uma correcta e mais eficaz estrutura de informações constitui um dos pré-requisitos para reduzir a dependência que caracteriza as relações económicas internacionais.

Com o advento da Nova República as perspectivas no Brasil aumentam em relação à informação e principalmente à sociedade.

Com relação à informação é necessário observar que existe no país uma boa infra-estrutura de recursos humanos. São mais de 15 mil bibliotecários formados pelas 30 Escolas de Biblioteconomia. São centenas de profissionais com pós-graduação realizada no país ou no exterior. Falta a definição de uma política bibliotecária adequada e uma demonstração efectiva de que o Governo tem interesse em resolver os problemas relacionados com a falta de hábito de leitura e hábito de utilização da informação da maioria do povo brasileiro. Grande parte dos recursos para a informação foi aplicada num sistema elitista. Tanto é que as bibliotecas especializadas são as que obtêm maiores recursos, mas não podemos nos esquecer que é a biblioteca escolar, a biblioteca pública e a biblioteca infantil que forma o indivíduo e é nessas bibliotecas que

ele tem condições de adquirir o hábito de leitura, para mais tarde estar em condições de utilizar com eficiência as bibliotecas especializadas, e com isso contribuir eficazmente para que o Brasil tenha um maior desenvolvimento nas áreas humanística, científica e tecnológica. Da mesma forma se gasta muito em informação agrícola, mas não se promove uma política de interiorização do livro e da biblioteca para assistir o trabalhador rural.

Para encerrar esta palestra gostaria de levar à selecta plateia, meus colegas bibliotecários, um tema para reflexão. E preocupação!

Na sociedade moderna, o império das comunicações, em suas implicações mais amplas, utiliza todos os mecanismos possíveis de estímulos para tornar o homem cada vez mais um cão de Pavlov. Ou seja: frente a determinado estímulo, o homem saliva ou não. Saliva em função de um novo carro, uma nova casa, uma nova roupa. E com essa salivação ele se massifica, se torna igual, se torna médio-mídia.

Os potentes interesses do mercado condicionam o homem a agir sob impulsos. Para comprar.

O nosso grande desafio é impulsionar o homem ao livro. Com ou sem saliva.